



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTA SOBRE DUAS ESTAÇÕES PALEOLÍTICAS.

FIGUEIREDO, António Mesquita de

Ano: 1922 | Número: 32

Como citar este documento:

FIGUEIREDO, António Mesquita de, Nota sobre duas estações paleolíticas. *Revista de Guimarães*, 32 (2) Abr.-Jun. 1922, p. 191-197.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

NOTA SOBRE DUAS ESTAÇÕES PALEOLÍTIICAS

A negligência daqueles a quem tem estado oficialmente incumbidos os estudos da prehistória portuguesa e a falta de pesquisas scientificamente orientadas, fizeram que durante alguns anos se julgassem muito raros em Portugal os despojos da época da pedra lascada, facto que era extraordinário e excepcional, comparado com o que sucedia nos demais países da Europa, incluindo a vizinha Espanha, onde os vestígios paleolíticos são extremamente abundantes.

Há muito, porém, que o caminho que levava ao descobrimento, entre nós, de estações desta época, estava claramente indicado sem que pessoa nenhuma o trilhasse, nem mesmo aqueles que tinham obrigação de o percorrer, em virtude dos seus cargos oficiais.

Em 1886, o sábio francês Emilio Cartailiac, recentemente falecido, referindo-se ao seu descobrimento duma acha lascada ao norte de Leiria, escreveu no livro monumental — LES AGES PREHISTORIQUES DE L'ESPAGNE ET DU PORTUGAL, p. 29-30: — «*il nous présage la découverte de stations semblables aux nôtres sur des points élevés où les alluvions quaternaires n'ont pas pu parvenir, qui ont dû être occupées autant et plus que les autres à cette époque d'inondations*».

Mais tarde, em 1894, o malgrado antropologista Fonseca Cardoso, na sua interessante — NOTA SOBRE UMA ESTAÇÃO CHELEANA NO VALLE D'ALCANTARA, publicada na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, III, p. 10-21, escreveu: — «*Muitos mais coups de poing se devem colher não só nas alluviões quaternarias, como tambem á superficie do solo, nos arredores de Campolide e pelas encostas do valle d'Alcantara.*»

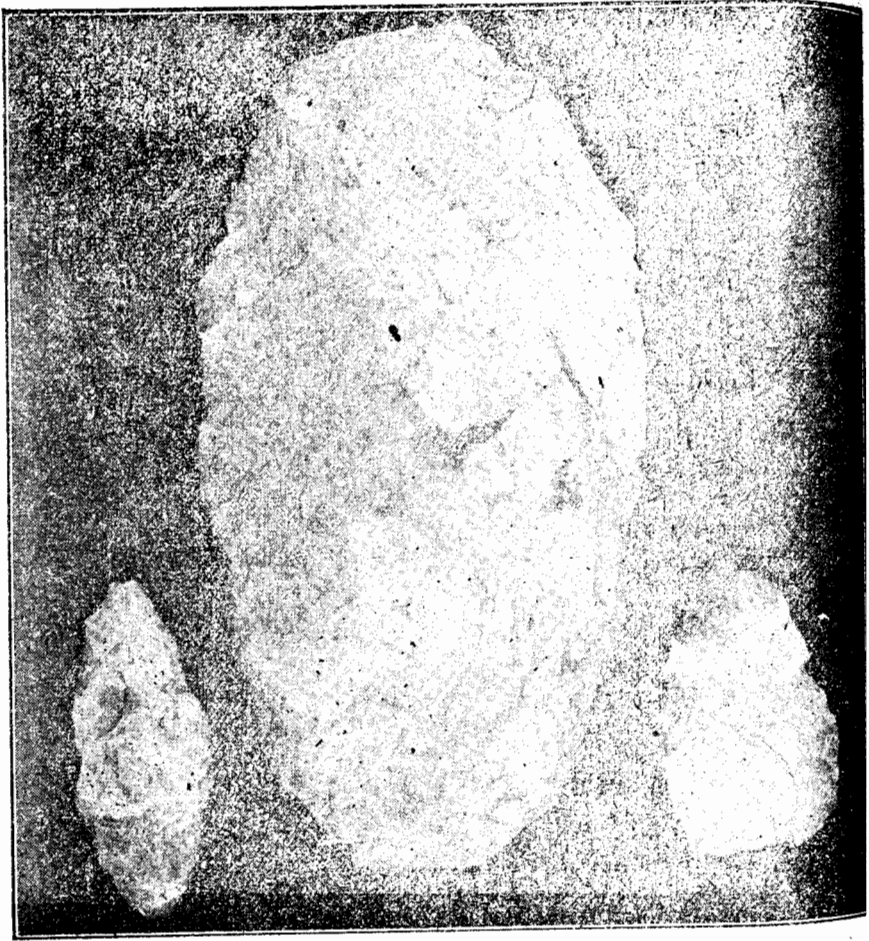


Fig. 1

INSTRUMENTOS PALEOLÍTICOS DOS SETE MOÍNHOS

a e c — PONTAS. *b* — «LIMANDE»

(2/3 DO TAMANHO NATURAL)

Estas sábias e judiciosas indicações não foram utilizadas: o *mero acaso*, porém, levou nos últimos anos alguns pesquisadores a encontrar estações paleolíticas situadas justamente em localizações que as confirmam completamente!

Devidos ao acaso, estes achados, aliás valiosos para o progresso dos nossos conhecimentos sobre a prehistória portuguesa, não tem infelizmente o carácter de verdadeiros descobrimentos científicos, que teriam sendo inspirados nas indicações dos Mestres precitados, porque, como bem diz J. de Morgan, antigo director geral das antiguidades do Egipto, no seu criterioso livro — *LES PREMIÈRES CIVILISATIONS*, Paris 1909, p. 38: — «... *je n'admets pas comme scientifiques les découvertes fortuites, les trouvailles qui ne sont des aubaines.*»

Nos arredores de Lisboa, situadas em pontos de cota relativamente elevada, tem sido nos últimos tempos encontradas várias estações paleolíticas, abundantes em instrumentos das várias fases do período paleolítico: a estação do Casal do Monte, junto à Póvoa de Santo Adrião, a 124 metros de altitude, encontrada *por acaso* (sic) — *O ARCHEOLOGO PORTUGUEZ*, XV, p. 94 — pelo Sr. Joaquim Fontes, é típica.

Nas encostas do Vale de Alcântara, tem sido também ultimamente encontradas várias estações paleolíticas, avultando entre elas a grande estação a poente dos Arcos das Aguas Livres, achada pelo Rev. Paulo Bovier-Lapierre, S. J., sábio professor da faculdade de medicina de Beiruth, Síria, que também descobriu, durante uma das suas permanências em Portugal, o célebre monumento prehistórico do Monte da Pena, junto ao Barro, Tôrres Vedras.

Perto da Senhora Santana, na mesma vertente do vale de Alcântara, já anos antes, o falecido António Mendes, benemérito colector da secção dos trabalhos geológicos, como muito justamente lhe chama o sábio arqueólogo Algarvio, Estácio da Veiga, (*ANTIGUIDADES MONUMENTAES DO ALGARVE*, II, Lisboa, 1887, p. 444) havia encontrado um instrumento de sílex lascado perfeitamente típico do período paleolítico.

Eu pela minha parte, conduzido pelas ponderadas lições de Cartailac e Fonseca Cardoso, tenho realiza-

do nos arredores de Lisboa, alguns descobrimentos de estações arqueológicas, a maior parte das quais pertencentes à época da pedra lascada, e nelas tenho colhido muitas centenas de instrumentos de formas definidas, tipos característicos das várias fases do período paleolítico. As estações da época da pedra polida, ainda que não tam freqüentes, também não são raras, e, até às vezes no mesmo local, na mais incongruente e desoladora promiscuidade tenho encontrado despojos arqueológicos desde a época da pedra lascada até à época lusitano-romana!

De duas das mais interessantes dessas estações, que descobri, passo a dar notícia.

*

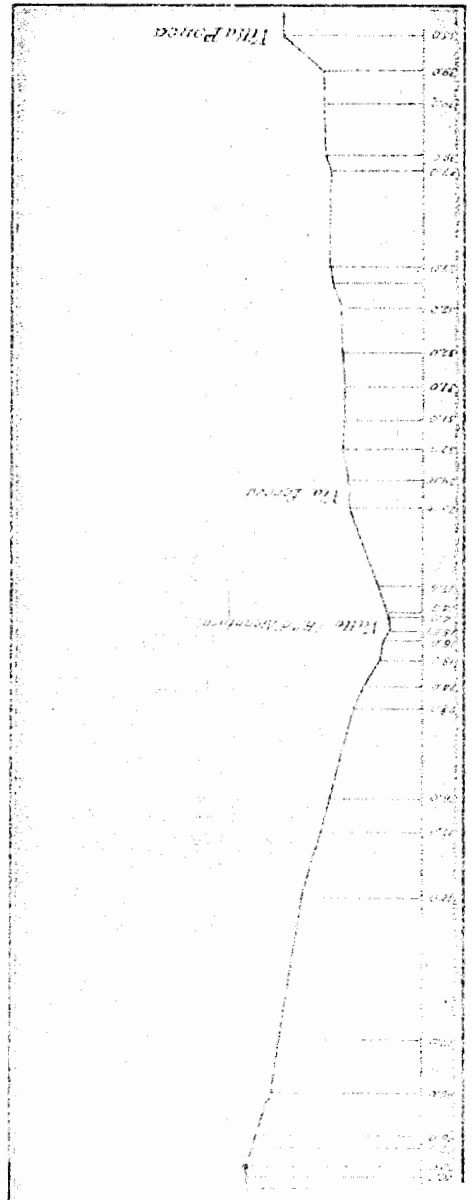
A meia encosta da vertente que do alto dos Sete Moínhos desce para a ribeira de Alcântara, em terras lavradas, encontrei, num relativo pequeno espaço de terreno, que podia ser delimitado por uma circunferência com o raio de trinta metros pouco mais ou menos, tendo por centro um poste telegráfico, que ao presente desapareceu, grande número de instrumentos paleolíticos, uns dispersos à superfície da terra, outros no fundo dos mais profundos sulcos da lavoura junto ao subsolo virgem, a uns vinte centímetros de profundidade.

Estes instrumentos *todos* de sílex, são do tipo que os arqueólogos franceses chamam «*limandes*», o maior dos quais, Fig. 1, *b*, mede de comprimento 0,170, e é, segundo creio, o único instrumento completo dêste género, com tal grandeza até hoje encontrado em Portugal. Mereceu referência especial ao Professor Henri Breuil, que muito o admirou, quando da sua estada no nosso país em Junho de 1918 (1). Na mesma estação encontrei também várias *pontas*, sendo as mais características, as *a* e *c* da Fig. 1, que reproduzem o tipo conhecido sob a designação de *feuille de laurier* (2).

(1) H. Breuil: *Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne*, in *Terra Portuguesa*, n.ºs 27-28, (1918), p. 35.

(2) Cfr. Gabriel et Adrien de Mortillet, *Musée préhistorique*, Paris 1903, Estampa XVII.

1. ENTRE O ARCO DO CARVALHÃO E A VILA POUCA, NA ESCALA DE 1:3.000



Por tôda a vasta encosta não são raros os instrumentos dispersos, quer lascados, quer polidos; lá achei três belos machados neolíticos, que naturalmente vieram arrastados pelas águas pluviais do cimo do monte, onde já tinha sido assinalada uma estação desta época.

O desenvolvimento dos estudos do paleolítico português é ainda muito precário e não me permite entrar em classificações âcerca da cronologia relativa das várias peças achadas: o único método seguro, usado scientificamente, é o método stratigráfico, que no nosso país, quási não tem sido usado, limitando-se os pesquisadores, mesmo os que praticam escavações, salvo raríssimos casos, a recolher os objectos sem notar e registar as condições de jazida duns relativamente aos outros, nem observar se os depósitos estavam virgens ou profanados. Aqui nesta estação dos Sete Moínhos, a-pesar-de se tratar de terras há muito remexidas pela cultura agrária, é minha opinião que pesquisas regulares devem dar bons resultados, mas essas pesquisas rigorosamente feitas são dispendiosas, e por isso mesmo estão fora da iniciativa particular.

Devido à amabilidade dos meus ilustres amigos os Ex.^{mos} Senhores Conselheiro Ernesto de Vasconcelos, Presidente da Comissão de Cartografia, e Francisco Valente Marrecas Ferreira, Engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, a quem patenteio tôda a minha gratidão, posso publicar aqui um corte do Vale de Alcântara, feito justamente pelo local da estação paleolítica. Notarei que na encosta oposta aos Sete Moínhos, na pedreira grande de Vila Pouca, fiz escavar vários «*fundos de cabanas*», que me forneceram abundantíssimo material da época da pedra polida, umas três dezenas de machados polidos, instrumentos de osso, muitos fragmentos cerâmicos, alguns ricamente ornamentados, entre êles uma colher de barro, semelhante à figurada pelos Mortillet, *Musée Préhistorique*, Estampa LIX, n.º 649, e até alguns pequenos fragmentos de instrumentos de cobre ou bronze, que me fazem pensar que se trata de uma estação cuja existência se prolongou neste mesmo local, pelo menos até à época calcolítica.

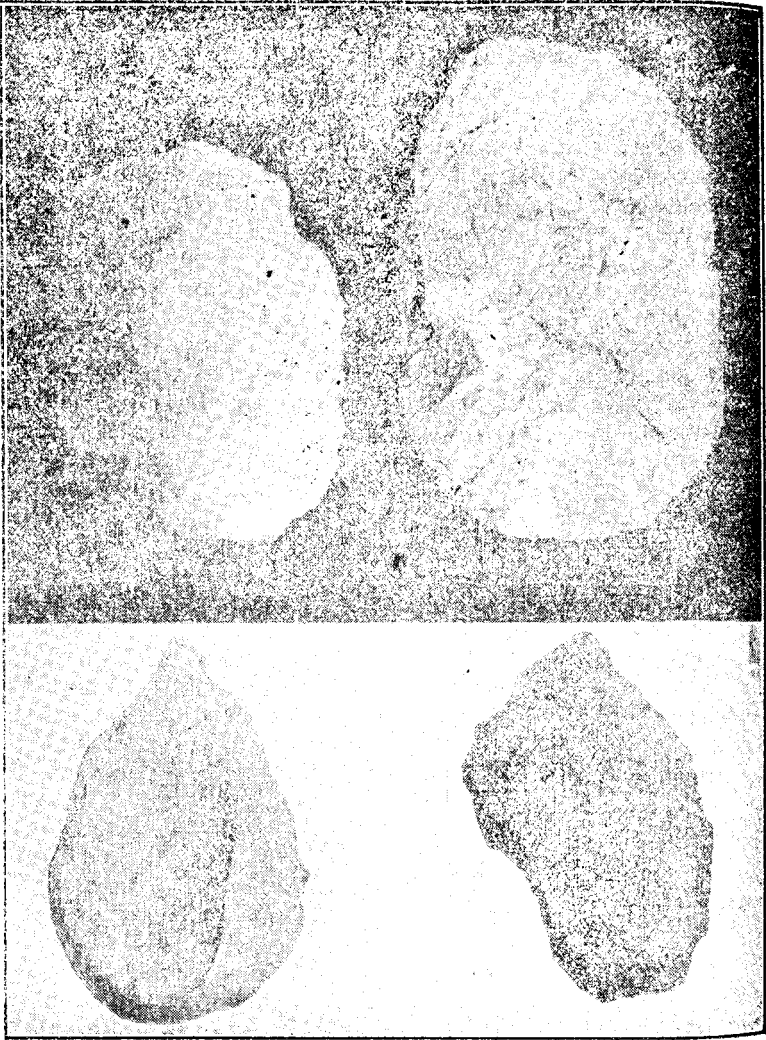


Fig. 2

a e b -- «LIMANDES» DOS SETE MOÍNIOS.

c e d -- INSTRUMENTOS
DA VINHA DO MULATO (SERRA DE ALFARRAGIDE).

No planalto da serra de Alfarragide, ao norte da pirâmide geodésica, a uma altitude que varia entre 207 e 209 metros, na terra conhecida pelo nome de «*Vinha do Mulato*», descobri, ao fazer o reconhecimento metódico desta região, uma estação paleolítica muito rica em instrumentos desta época. Aqui o espólio recolhido apresenta uma feição totalmente diferente da estação dos Sete Moínhos, embora se trate também de uma estação de superfície: predomina o *coup de poing à talon*, fabricado com seixos rolados de quartzite cõr de castanha, mas os instrumentos de sílex amarelo torrado também não são raros. Sobee a algumas centenas o número de *coups de poing* que reüni, todos de fabricação muito rude, mas muito característica (Fig. 2-C), e entre os instrumentos de sílex avulta uma bela ponta de lança pedunculada (Fig. 2-D), único exemplar do género, que possuo nas minhas colecções, mas que julgo já foi encontrado noutras estações desta mesma região.

Também neste local obtive uma bela faca de sílex de secção trapezoidal, com aspecto neolítico, o que faz supor a occupação sucessiva do lugar nestas duas épocas.

Tõdas as considerações que fiz sôbre a classificação cronológica da estação dos Sete Moínhos são applicáveis a esta da Vinha do Mulato, sendo também minha opinião, que a exploração stratigráfica dèste local oferecia sérias vantagens scientificas.

Lisboa,
S. Sebastião da Pedreira,
16 de Abril de 1922.

ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO

VICE-SECRETÁRIO DA SECÇÃO DE ANTHROPOLOGIA DA SOCIEDADE
DE GEOGRAFIA DE LISBOA.